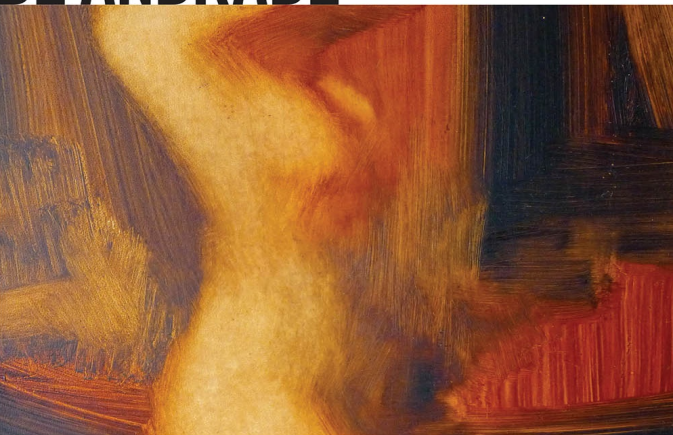


CORPO
CARLOS DRUMMOND
DE ANDRADE





CARLOS DRUMMOND
DE ANDRADE
CORPO

POSFÁCIO

Maria Esther Maciel

COMPANHIA DAS LETRAS

Sumário

As contradições do corpo
A metafísica do corpo
O minuto depois
O amor e seus contratos
Dezembro
Pintor de mulher
Maternidade
Homem deitado
Ausência
História natural
O outro
Duende
Flor experiente
As sem-razões do amor
Aspiração
A hora do cansaço
Verdade
O seu santo nome
O pleno e o vazio
Por quê?
Mortos que andam
Como encarar a morte
Inscrição tumular
Deus e suas criaturas
Combate
Hipótese
A chave
O céu livre da fazenda
Canção de Itabira
Mudança
O ano passado
O céu
Lição
Ouro Preto, livre do tempo
Eu, etiqueta

Passatempo
Os amores e os misseis
Lembrete
Canções de alinhavo
Balanço
Favelário nacional

Posfácio
O corpo e seus possíveis,
MARIA ESTHER MACIEL
Caderno de imagens
Leituras recomendadas
Cronologia
Crédito das imagens
Índice de títulos e primeiros versos

*O problema não é inventar. É ser inventado
hora após hora e nunca ficar pronta
nossa edição convincente.*

AS CONTRADIÇÕES DO CORPO

Meu corpo não é meu corpo,
é ilusão de outro ser.
Sabe a arte de esconder-me
e é de tal modo sagaz
que a mim de mim ele oculta.

Meu corpo, não meu agente,
meu envelope selado,
meu revólver de assustar,
tornou-se meu carcereiro,
me sabe mais que me sei.

Meu corpo apaga a lembrança
que eu tinha de minha mente.
Inocula-me seu patos,
me ataca, fere e condena
por crimes não cometidos.

O seu ardil mais diabólico
está em fazer-se doente.
Joga-me o peso dos males
que ele tece a cada instante
e me passa em revulsão.

Meu corpo inventou a dor
a fim de torná-la interna,
integrante do meu id,
ofuscadora da luz
que aí tentava espalhar-se.

Outras vezes se diverte
sem que eu saiba ou que deseje,
e nesse prazer maligno,
que suas células impregna,
do meu mutismo escarnece.

Meu corpo ordena que eu saia
em busca do que não quero,
e me nega, ao se afirmar
como senhor do meu Eu
convertido em cão servil.

Meu prazer mais refinado,
não sou eu quem vai senti-lo.
É ele, por mim, rapace,
e dá mastigados restos
à minha fome absoluta.

Se tento dele afastar-me,
por abstração ignorá-lo,
volta a mim, com todo o peso
de sua carne poluída,
seu tédio, seu desconforto.

Quero romper com meu corpo,
quero enfrentá-lo, acusá-lo,
por abolir minha essência,
mas ele sequer me escuta
e vai pelo rumo oposto.

Já premido por seu pulso
de inquebrantável rigor,
não sou mais quem dantes era:
com volúpia dirigida,
saio a bailar com meu corpo.

A METAFÍSICA DO CORPO

*A Sonia von
Brusky*

A metafísica do corpo se entremostra
nas imagens. A alma do corpo
modula em cada fragmento sua música
de esferas e de essências
além da simples carne e simples unhas.

Em cada silêncio do corpo identifica-se
a linha do sentido universal
que à forma breve e transitiva imprime
a solene marca dos deuses
e do sonho.

Entre folhas, surpreende-se
na última ninfa
o que na mulher ainda é ramo e orvalho
e, mais que natureza, pensamento
da unidade inicial do mundo:
mulher planta brisa mar,
o ser telúrico, espontâneo,
como se um galho fosse da infinita
árvore que condensa
o mel, o sol, o sal, o sopro acre da vida.

De êxtase e tremor banha-se a vista
ante a luminosa nádega opalescente,
a coxa, o sacro ventre, prometido
ao ofício de existir, e tudo mais que o corpo
resume de outra vida, mais florente,
em que todos fomos terra, seiva e amor.

Eis que se revela o ser, na transparência
do invólucro perfeito.

O MINUTO DEPOIS

Nudez, último véu da alma
que ainda assim prossegue absconsa.
A linguagem fértil do corpo
não a detecta nem decifra.
Mais além da pele, dos músculos,
dos nervos, do sangue, dos ossos,
recusa o íntimo contato,
o casamento floral, o abraço
divinizante da matéria
inebriada para sempre
pela sublime conjunção.

Ai de nós, mendigos famintos:
pressentimos só as migalhas
desse banquete além das nuvens
contingentes de nossa carne.
E por isso a volúpia é triste
um minuto depois do êxtase.

O AMOR E SEUS CONTRATOS

Volta a um mote de Joaquim-Francisco Coelho

*Nos contratos que tu lavras
não vi, Amor, valimento.
Só palavras e palavras
feitas de sonho e de vento.*

Tanto nas juras mais vivas
como nos beijos mais longos
em que perduram salivas
de outras paixões ainda ativas,
sopro de angolas e congos,
eu sinto a turva incerteza
(ai, ouro de tredas lavras)
da enovelada surpresa
que põe tanto de estranheza
nos contratos que tu lavras.

Por mais que no teu falar
brilhe a promessa incessante
de um afeto a perdurar
até o mundo acabar
e mesmo depois — diamante
de mil prismas incendiados — ,
amarga-me o pensamento
de serem pactos fingidos
e nos seus subentendidos
não vi, Amor, valimento.

Experiência de escrituras
eu tenho. De que me serve?
Após sofridas leituras
de ementas e de rasuras,
no peito a dúvida ferve,
se nos mais doutos cartórios
de Londres, Londrina, Lavras
para assuntos amatórios,

teus itens são ilusórios,
só palavras e palavras.

As nulidades tamanhas
que te invalidam o trato
não sei se provêm de manhas
ou de vistas mais estranhas.
Serão talvez teu retrato
gravado em vento ou em sonho
como aéreo documento
que nunca mais recomponho.
São todas — digo tristonho —
feitas de sonho e de vento.

DEZEMBRO

Oiti: a cigarra zine:
convite à praia. Tine
o sol no quadril, e o míni
véu dissolve, do biquíni.

PINTOR DE MULHER

*A Augusto
Rodrigues*

Este pintor
sabe o corpo feminino e seus possíveis
de linha e de volume reinventados.
Sabe a melodia do corpo em variações entrecruzadas.
Lê o código do corpo, de A ao infinito
dos signos e das curvas que dão vontade de morrer
de santo orgasmo e de beleza.

MATERNIDADE

Seu desejo não era desejo
corporal.

Era desejo de ter filho,
de sentir, de saber que tinha filho,
um só filho que fosse, mas um filho.

Procurou, procurou pai para seu filho.
Ninguém se interessava por ser pai.
O filho desejado, concebido
longo tempo na mente, e era tão lindo,
nasceu do acaso, o pai era o acaso.

O acaso nem é pai, isso que importa?
O filho, obra materna,
é sua criação, de mais ninguém.
Mas lhe falta um detalhe,
o detalhe do pai.

Então ela é mãe e pai de seu garoto,
a quem, por acaso,
falta um lobo de orelha, a orelha esquerda.

HOMEM DEITADO

Não se levanta nem precisa levantar-se.
Está bem assim. O mundo que enlouqueça,
o mundo que estertore em seu redor.
Continua deitado
sob a racha da pedra da memória.

AUSÊNCIA

Por muito tempo achei que a ausência é falta.

E lastimava, ignorante, a falta.

Hoje não a lastimo.

Não há falta na ausência.

A ausência é um estar em mim.

E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços,

que rio e danço e invento exclamações alegres,

porque a ausência, essa ausência assimilada,

ninguém a rouba mais de mim.

HISTÓRIA NATURAL

Cobras-cegas são notívagas.

O orangotango é profundamente solitário.

Macacos também preferem o isolamento.

Certas árvores só frutificam de 25 em 25 anos.

Andorinhas copulam no voo.

O mundo não é o que pensamos.

O OUTRO

Como decifrar pictogramas de há dez mil anos
se nem sei decifrar
minha escrita interior?

Interrogo signos dúbios
e suas variações calidoscópicas
a cada segundo de observação.

A verdade essencial
é o desconhecido que me habita
e a cada amanhecer me dá um soco.

Por ele sou também observado
com ironia, desprezo, incompreensão.
E assim vivemos, se ao confronto se chama viver,
unidos, impossibilitados de desligamento,
acomodados, adversos,
róidos de infernal curiosidade.

DUENDE

Em dia longínquo meu irmão Altivo
apresenta-me a Moacir de Abreu, hóspede da pensão
quinta-essenciado em Deabreu.
Por motivo de som o aproximo
de Debureau, palhaço melancólico.
Deabreu guarda a crepuscularidade
toda em surdina
de reticentes, simbolistas construções.
Pouco a pouco ele anoitece.
Vai habitar, em casas de pavor,
quartos de fazenda mineira transportados para Bruges-a-Morta.
Duende gentil, acaba de acordar
e ainda tem sono para sempre.
Fala-me dificultosamente
de um país não documental
onde apenas acontece
o que em verbo não se conta
e só em sonho, em sonho e sombra, se adivinha.

FLOR EXPERIENTE

Uma flor matizada
entreabre-se em meus dedos.
Já sou terra estrumada
— é um de meus segredos.

Careceu vida lenta
e, mais que lenta, peca,
para a cor que ornamenta
esta epiderme seca.

Assino-me no cálice
de estrias fraternais.
O pensamento cale-se.
É jardim, nada mais.

AS SEM-RAZÕES DO AMOR

Eu te amo porque te amo.
Não precisas ser amante,
e nem sempre sabes sê-lo.
Eu te amo porque te amo.
Amor é estado de graça
e com amor não se paga.

Amor é dado de graça,
é semeado no vento,
na cachoeira, no eclipse.
Amor foge a dicionários
e a regulamentos vários.

Eu te amo porque não amo
bastante ou demais a mim.
Porque amor não se troca,
não se conjuga nem se ama.
Porque amor é amor a nada,
feliz e forte em si mesmo.

Amor é primo da morte,
e da morte vencedor,
por mais que o matem (e matam)
a cada instante de amor.

ASPIRAÇÃO

Tão imperfeitas, nossas maneiras
de amar.

Quando alcançaremos
o limite, o ápice
de perfeição,
que é nunca mais morrer,
nunca mais viver
duas vidas em uma,
e só o amor governe
todo além, todo fora de nós mesmos?

O absoluto amor,
revel à condição de carne e alma.

A HORA DO CANSAÇO

As coisas que amamos,
as pessoas que amamos
são eternas até certo ponto.
Duram o infinito variável
no limite de nosso poder
de respirar a eternidade.

Pensá-las é pensar que não acabam nunca,
dar-lhes moldura de granito.
De outra matéria se tornam, absoluta,
numa outra (maior) realidade.

Começam a esmaecer quando nos cansamos,
e todos nos cansamos, por um ou outro itinerário,
de aspirar a resina do eterno.
Já não pretendemos que sejam imperecíveis.
Restituímos cada ser e coisa à condição precária,
rebaixamos o amor ao estado de utilidade.

Do sonho de eterno fica esse gosto acre
na boca ou na mente, sei lá, talvez no ar.

VERDADE

A porta da verdade estava aberta,
mas só deixava passar
meia pessoa de cada vez.

Assim não era possível atingir toda a verdade,
porque a meia pessoa que entrava
só trazia o perfil de meia verdade.
E sua segunda metade
voltava igualmente com meio perfil.
E os meios perfis não coincidiam.

Arrebentaram a porta. Derrubaram a porta.
Chegaram ao lugar luminoso
onde a verdade esplendia seus fogos.
Era dividida em metades
diferentes uma da outra.

Chegou-se a discutir qual a metade mais bela.
Nenhuma das duas era totalmente bela.
E carecia optar. Cada um optou conforme
seu capricho, sua ilusão, sua miopia.

O SEU SANTO NOME

Não facilite com a palavra amor.

Não a jogue no espaço, bolha de sabão.

Não se inebrie com o seu engalanado som.

Não a empregue sem razão acima de toda razão (e é raro).

Não brinque, não experimente, não cometa a loucura sem remissão
de espalhar aos quatro ventos do mundo essa palavra
que é toda sigilo e nudez, perfeição e exílio na Terra.

Não a pronuncie.

O PLENO E O VAZIO

Oh se me lembro e quanto.
E se não me lembrasse?
Outra seria minh'alma,
bem diversa minha face.

Oh como esqueço e quanto.
E se não esquecesse?
Seria homem-espanto,
ambulando sem cabeça.

Oh como esqueço e lembro,
como lembro e esqueço
em correntezas iguais
e simultâneos enlaces.
Mas como posso, no fim,
recompor os meus disfarces?

Que caixa esquisita guarda
em mim sua névoa e cinza,
seu patrimônio de chamas,
enquanto a vida confere
seu limite, e cada hora
é uma hora devida
no balanço da memória
que chora e que ri, partida?

POR QUÊ?

Por que nascemos para amar, se vamos morrer?

Por que morrer, se amamos?

Por que falta sentido

ao sentido de viver, amar, morrer?

MORTOS QUE ANDAM

Meu Deus, os mortos que andam!
Que nos seguem os passos
e não falam.
Aparecem no bar, no teatro, na biblioteca.
Não nos fitam,
não nos interrogam,
não nos cobram nada.
Acompanham, fiscalizam
nosso caminho e jeito de caminhar,
nossa incômoda sensação de estar vivos
e sentir que nos seguem, nos cercam,
imprescritíveis. E não falam.

COMO ENCARAR A MORTE

De longe

Quatro bem-te-vis levam nos bicos
o batel de ouro e lápis-lazúli,
e pousando-o sobre uma acácia
cantam o canto costumeiro.

O barco lá fica banhado
de brisa aveludada, açúcar,
e os bem-te-vis, já esquecidos
de perpassar, dormem no espaço.

A meia distância

Claridade infusa na sombra,
treva implícita na claridade?
Quem ousa dizer o que viu,
se não viu a não ser em sonho?

Mas insones tornamos a vê-lo
e um vago arrepio vara
a mais íntima pele do homem.
A superfície jaz tranquila.

De lado

Sente-se já, não a figura,
passos na areia, pés incertos,
avançando e deixando ver
um certo código de sandálias.

Salvo rosto ou contorno explícito,
como saber que nos procura
o viajante sem identidade?
Algum ponto em nós se recusa.

De dentro

Agora não se esconde mais.
Apresenta-se, corpo inteiro,
se merece nome de corpo
o gás de um estado indefinível.

Seu interior mostra-se aberto.
Promete riquezas, prêmios,
mas eis que falta curiosidade,
e todo ferrão de desejo.

Sem vista

Singular, sentir não sentindo
ou sentimento inexpresso
de si mesmo, em vaso coberto
de resina e lótus e sons.

Nem viajar nem estar quedo
em lugar algum do mundo, só
o não saber que afinal se sabe
e, mais sabido, mais se ignora.

INSCRIÇÃO TUMULAR

O instante de corola o instante de vida
o instante de sentimento o instante de conclusão
o instante de memória
e muitos outros instantes sem razão e sem verso.

DEUS E SUAS CRIATURAS

Quem morre vai descansar na paz de Deus.

Quem vive é arrastado pela guerra de Deus.

Deus é assim: cruel, misericordioso, duplo.

Seus prêmios chegam tarde, em forma imperceptível.

Deus, como entendê-lo?

Ele também não entende suas criaturas,

condenadas previamente sem apelação a sofrimento e morte.

COMBATE

Nem eu posso com Deus nem pode ele comigo.
Essa peleja é vã, essa luta no escuro
entre mim e seu nome.
Não me persegue Deus no dia claro.
Arma, à noite, emboscadas.
Enredo-me, debato-me, invectivo
e me liberto, escalavrado.
De manhã, à hora do café, sou eu quem desafia.
Volta-me as costas, sequer me escuta,
e o dia não é creditado a nenhum dos contendores.
Deus golpeia à traição.
Também uso para com ele táticas covardes.
E o vencedor (se vencedor houver) não sentirá prazer
pela vitória equívoca.

HIPÓTESE

E se Deus é canhoto
e criou com a mão esquerda?
Isso explica, talvez, as coisas deste mundo.

A CHAVE

E de repente
o resumo de tudo é uma chave.

A chave de uma porta que não abre
para o interior desabitado
no solo que inexistiu,
mas a chave existe.

Aperto-a duramente
para ela sentir que estou sentindo
sua força de chave.
O ferro emerge de fazenda submersa.
Que valem escrituras de transferência de domínio
se tenho nas mãos a chave-fazenda
com todos os seus bois e os seus cavalos
e suas éguas e aguadas e abantesmas?
Se tenho nas mãos barbudos proprietários oitocentistas
de que ninguém fala mais, e se falasse
era para dizer: os Antigos?
(Sorrio pensando: somos os Modernos
provisórios, a-históricos...)

Os Antigos passeiam nos meus dedos.
Eles são os meus dedos substitutos
ou os verdadeiros?
Posso sentir o cheiro de suor dos guardas-mores,
o perfume-Paris das fazendeiras no domingo de missa.
Posso, não. Devo.
Sou devedor do meu passado,
cobrado pela chave.
Que sentido tem a água represa
no espaço onde as estacas do curral
concentram o aboio do crepúsculo?
Onde a casa vige?
Quem dissolve o existido, eternamente

existindo na chave?

O menor grão de café
derrama nesta chave o cafezal.

A porta principal, esta é que abre
sem fechadura e gesto.

Abre para o imenso.

Vai-me empurrando e revelando
o que não sei de mim e está nos Outros.

O serralheiro não sabia
o ato de criação como é potente
e na coisa criada se prolonga,
ressoante.

Escuto a voz da chave, canavial,
uva espremida, berne de bezerro,
esperança de chuva, flor de milho,
o grilo, o sapo, a madrugada, a carta,
a mudez desatada na linguagem
que só a terra fala ao fino ouvido.
E aperto, aperto-a, e, de apertá-la,
ela se entranha em mim. Corre nas veias.
É dentro em nós que as coisas são,
ferro em brasa — o ferro de uma chave.

O CÉU LIVRE DA FAZENDA

Das loucas festas na fazenda da Jaguará
não resta mais nem um cristal trincado.
Matas e lagoas não recordam
o que ali se bebeu e se dançou
enquanto o antigo dono Antônio de Abreu Guimarães
carpia em penitência portuguesa seus pecados
de contrabandista de ouro e diamantes.
As obras pias que a Jaguará devia sustentar
morreram com os festejos. Tempos rotos.
Na torre da igreja da fazenda
a suinara é o epílogo de tudo.

A ganância e a vaidade se ausentaram
destes sítios. Nem mesmo ingleses
escoram mais galerias de Morro Velho com madeiras
cortadas na Jaguará. A natureza
recompõe seus prestígios onde o homem
parou de depredar. A garça branca
pousa delicada nos espelhos d'água remansosa, onde a presença
não se percebe mais da garça rósea.

E vem o gaturamo cantarilho
nas roçadas de milho, o quero-quero
circunvoando juncos. Multicor,
a plumagem do socozinho vai cruzando
o voo horizontal das jaçanãs.
Repara, homem do asfalto, a seriema
a preparar, no capim alto, seus disfarces,
e a corruíra-do-brejo, a viuvinha,
o lenhador-de-olho-branco, a saracura,
todas essas aves que só existem
nas gravuras dos livros, na empalhada
vitrina dos museus... porque matamos
o que era vida alada em nossa volta.

Ou não repares nada. Tenho medo
de convidar-te a ver o livre espaço
da Jaguará, e teu instinto predatório
novamente açular-se, tua fome
de frequentador de restaurante cinco estrelas
cobiçar a carne tenra e não sabida
que neste lugar-refúgio se compraz
em ter forma voante e livre-azul.

Neste lugar habito em pensamento
quando Marcus Vinícius e Marco Antônio
me emprestam seus binóculos científicos
e apontam para o sabiá-laranjeira
construindo seu ninho; o carcará
metuendo, que não assusta colibris;
e cento e oito mais espécies que aqui vivem
em seus ecossistemas primitivos,
sobrantes por milagre.

Ouçó, na gravação, suas linguagens.
Estão perto de mim, reis-fazendeiros
das plantas e dos bichos-alimento.
Já não é a Jaguará voluptuosa,
mas o simples refúgio, ilha de vida,
enquanto a vida nega-se a si mesma
na exacerbação das técnicas de lucro.
Pequeno paraíso vegetal
ou resto de paraíso... à sombra austera
da torre onde a suinara tem sua noite.

CANÇÃO DE ITABIRA

*A Zoraida
Diniz*

Mesmo a essa altura do tempo,
um tempo que já se estira,
continua em mim ressoando
uma canção de Itabira.

Ouvi-a na voz materna
que de noite me embalava,
ecoando ainda no sono,
sem que faltasse uma oitava.

No bambuzal bem no extremo
da casa de minha infância,
parecia que o som vinha
da mais distante distância.

No sino maior da igreja,
a dez passos do sobrado,
a infiltrada melodia
emoldurava o passado.

Por entre as pedras da Penha,
os lábios das lavadeiras
o mesmo verso entoavam
ao longo da tarde inteira.

Pelos caminhos em torno
da cidade, a qualquer hora,
ciciava cada coqueiro
essa música de outrora.

Subindo ao alto da serra
(serra que hoje é lembrança),
na ventania chegava-me
essa canção de bonança.

Canção que este nome encerra
e em volta do nome gira.
Mesmo o silêncio a repete,
doce canção de Itabira.

MUDANÇA

O que muda na mudança,
se tudo em volta é uma dança
no trajeto da esperança,
junto ao que nunca se alcança?

O ANO PASSADO

O ano passado não passou,
continua incessantemente.
Em vão marco novos encontros.
Todos são encontros passados.

As ruas, sempre do ano passado,
e as pessoas, também as mesmas,
com iguais gestos e falas.
O céu tem exatamente
sabidos tons de amanhecer,
de sol pleno, de descambar
como no repetidíssimo ano passado.

Embora sepultos, os mortos do ano passado
sepultam-se todos os dias.
Escuto os medos, conto as libélulas,
mastigo o pão do ano passado.

E será sempre assim daqui por diante.
Não consigo evacuar
o ano passado.

O CÉU

Na quietude da sala, em um dia qualquer,
eu conversava com Ronaldo Rogério de Freitas Mourão,
seguidor dos árabes.

O céu veio à conversa.

O espaço dilatou-se

e uma luz diferente,
vermelha, branca,
alaranjada,
pousou em nossas peles e palavras.
Senti que estava perto Betelgeuse,
e Antares e Aldebarã

ocupavam espaço incomensurável na sala restrita.

Tinha à minha frente as três Zuban

— El-Gaubi, El-Schmali, El-Ekiribi.

Nada me atraía mais do que Zamiah,
que fulgiu e sumiu deixando em seu lugar
Merope, Celaene.

Completamente banhado por Sírius e cercado pelas sete Plêiades,
já me desfizera de tudo que é superfície e cuidado e limitações
para viver entre objetos celestes.

— Procyon — exclamei, e Ronaldo apontou
para o clarão de Alুমadin.

Vi Margarita, Fomalhaut, no desdobramento abissal
o desfile de corpos ambíguos, intermitentes, enigmáticos.

O céu, o infindo firmamento,
girava em função do verbo solto,
por acaso, na conversa de ignorante e de astrônomo.

LIÇÃO

Tarde, a vida me ensina
esta lição discreta:
a ode cristalina
é a que se faz sem poeta.

OURO PRETO, LIVRE DO TEMPO

*Ouro Preto fala com a gente
de um modo novo, diferente.*

Outras cidades se retraem
no ato primeiro da visita.
Depois desnudam-se, confiantes,
e seus segredos se oferecem
como café coado na hora.

Há mesmo cidades sensuais,
concentradas na espera ansiosa
de quem, macho, logo as domine.
Abrem-se as portas de tal modo
que são coxas, braços abertos.

*Em Ouro Preto, redolente,
vaga um remoto estar presente.*

Há em Ouro Preto, escondida,
uma cidade além-cidade.
Não adianta correr as ruas
e pontes, morros, sacristias,
se não houver total entrega.

Entrega mansa de turista
que de ser turista se esqueça.
Entrega humílima de poeta
que renuncie ao vão discurso
de nomes-cor, palavras-éter.

*A hera e a era, gravemente,
aqui se apagam, na corrente.*

De nada servem manuscritos
de verdade amarelecida.

Não é lendo nem pesquisando
que se penetra a ouro-pretana
alma absconsa, livre do tempo.

É deixando correr as horas
e, das horas no esquecimento,
escravizar-se todo à magia
que se impregna, muda, no espaço
e no rosto imóvel das coisas.

*Pois tudo aqui é simplesmente
lucilação do transcendente.*

A metafísica tristeza
que rói as vestes do passado
desaparece ante a serena
sublimação de todo crime,
lance heroico e lance romântico.

Ouro Preto, a se desprender
da sua história e circunstância,
é agora ser de beleza,
completo em si, de todo imune
ao que lhe inflija o ser humano.

*A ruína ameaça inutilmente
essa ideia não contingente.*

Quem entende Ouro Preto sabe
o que em linguagem não se exprime
senão por alusivos códigos,
e que pousa em suas ladeiras
como o leve roçar de um pássaro.

Ouro Preto, mais que lugar
sujeito à lei de finitude,
torna-se alado pensamento
que de pedra e talha se eleva
à gozosa esfera dos anjos.

Ouro Preto bole com a gente.

É um bulir novo, diferente.

EU, ETIQUETA

Em minha calça está grudado um nome
que não é meu de batismo ou de cartório,
um nome... estranho.

Meu blusão traz lembrete de bebida
que jamais pus na boca, nesta vida.

Em minha camiseta, a marca de cigarro
que não fumo, até hoje não fumei.

Minhas meias falam de produto
que nunca experimentei,
mas são comunicados a meus pés.

Meu tênis é proclama colorido
de alguma coisa não provada
por este provador de longa idade.

Meu lenço, meu relógio, meu chaveiro,
minha gravata e cinto e escova e pente,
meu copo, minha xícara,
minha toalha de banho e sabonete,
meu isso, meu aquilo,
desde a cabeça ao bico dos sapatos,
são mensagens,
letras falantes,
gritos visuais,
ordens de uso, abuso, reincidência,
costume, hábito, premência,
indispensabilidade,
e fazem de mim homem-anúncio itinerante,
escravo da matéria anunciada.

Estou, estou na moda.

É doce estar na moda,
ainda que a moda
seja negar minha identidade,
trocá-la por mil, açambarcando
todas as marcas registradas,
todos os logotipos do mercado.

Com que inocência demito-me de ser

eu que antes era e me sabia
tão diverso de outros, tão mim mesmo,
ser pensante, sentinte e solidário
com outros seres diversos e conscientes
de sua humana, invencível condição.
Agora sou anúncio,
ora vulgar ora bizarro,
em língua nacional ou em qualquer língua
(qualquer, principalmente).
E nisto me comprazo, tiro glória
de minha anulação.

Não sou — vê lá — anúncio contratado.
Eu é que mimosamente pago
para anunciar, para vender
em bares festas praias pérgulas piscinas,
e bem à vista exibo esta etiqueta
global no corpo que desiste
de ser veste e sandália de uma essência
tão viva, independente,
que moda ou suborno algum a compromete.
Onde terei jogado fora
meu gosto e capacidade de escolher,
minhas idiossincrasias tão pessoais,
tão minhas que no rosto se espelhavam,
e cada gesto, cada olhar,
cada vinco da roupa
resumia uma estética?

Hoje sou costurado, sou tecido,
sou gravado de forma universal,
saio da estampa, não de casa,
da vitrina me tiram, recolocam,
objeto pulsante mas objeto
que se oferece como signo de outros
objetos estáticos, tarifados.
Por me ostentar assim, tão orgulhoso
de ser não eu, mas artigo industrial,
peço que meu nome retifiquem.
Já não me convém o título de homem.
Meu nome novo é coisa.
Eu sou a coisa, coisamente.

PASSATEMPO

O verso não, ou sim o verso?
Eis-me perdido no universo
do dizer, que, tímido, verso,
sabendo embora que o que lavra
só encontra meia palavra.

OS AMORES E OS MÍSSEIS

*Pensando em todos aqueles
que, no mundo inteiro, se
reúnem para lutar contra a
produção e a disseminação
de armas nucleares.*

Anarda, sou de ti cativo,
mas deploro este amor pungente.
Pouco importa ele esteja vivo,
se há mísseis sob o sol cadente.

Já não posso, Almena, ofertar-te
nem o beijo nem a canção.
Mísseis cobrindo toda parte
acinzentam meu coração.

Márcia gentil, para um momento,
considera as nuvens difíceis.
Novas más perpassam no vento:
em lugar de mil flores, mísseis.

Ouve, Nerina, meu queixume:
como te amar, cheia de graça?
Em meu peito esmorece o lume,
com os mísseis vem a desgraça.

Ai, Eulina, abro mão — que pena —
de teus encantos mais suaves.
Extinguiu-se a vida serena,
mísseis assustam homens e aves.

Nise, Nise, que em áureas horas
minha doçura foste, hoje és
condenada à morte, e choras,

pois há mísseis sob teus pés.

Não peço, Glaura, teus afagos,
que amanhã serão pó tristonho
entre bilhões de crânios vagos:
negam os mísseis todo sonho.

Tirce amada, volve-me o rosto
e despreza meus madrigais
redolentes ao luar de agosto.
Grasnam os mísseis: Nunca mais.

Meiga e bela Marília, o Arconte
taciturno olha para mim.
Na áspera linha do horizonte,
eis que os mísseis decretam: Sim.

Sim, pereça todo prazer
e das amadas toda a glória.
Com seu satânico poder,
os mísseis enterram a História.

LEMBRETE

Se procurar bem, você acaba encontrando
não a explicação (duvidosa) da vida,
mas a poesia (inexplicável) da vida.

CANÇÕES DE ALINHAVO

I

Chove nos campos de Cachoeira
e Dalcídio Jurandir já morreu.
Chove sobre a campa de Dalcídio Jurandir
e sobre qualquer outra campa, indiferentemente.
A chuva não é um epílogo,
tampouco significa sentença ou esquecimento.
Falei em Dalcídio Jurandir
como poderia falar em Rui Barbosa
ou no preto Benvindo da minha terra
ou em Atahualpa.
Sobre todos os mortos cai a chuva
com esse jeito cinzento de cair.
Confesso que a chuva me dói: ferida,
lei injusta que me atinge a liberdade.
Chover a semana inteira é nunca ter havido sol
nem azul nem carmesim nem esperança.
É eu não ter nascido e sentir
que tudo foi roto para nunca mais.
Nos campos de Cachoeira-vida
chove irremissivelmente.

II

Stéphane Mallarmé esgotou a taça do incognoscível.
Nada sobrou para nós senão o cotidiano
que avilta, deprime. Real, se existes fora
da órbita dos almanaques, não sei. Há de haver uma região
de todas as coisas. E nela nos encontraremos
como antes em cafés, bares, livrarias
hoje proscritos do planeta. E nos reconheceremos todos,
Aníbal Machado entre os dominicais. E, Martine Carol a seu lado,
são dois alpinistas escalando a vertente
de uma favela. As nádegas de Martine,
meigas ao tato do escritor que a ampara na subida.
O som do candomblé infiltra-se na assembleia de amigos.

Deve ser isso o eterno?

III

Assustou-se o Cônego Monteiro possuído pelo Maligno
à espera de morrer, explodindo maldições
contra tudo e todos, principalmente a Mulher.
Era um velho bibliófilo pobre, a tarde escorria
sobre lombadas carcomidas, sua batina
tinha velhice de catedral. Conversávamos.
Por fim, na cama de hospital, revirando-se,
olhar aceso, língua a desmanchar-se em labaredas,
ele renegava os serões literários, as magnas academias
e anunciava sua próxima chegada ao Inferno.
Que homem nele era o principal, eu não atinava.
Minha visita foi revelação do que se reserva aos santos,
expição de pecados que não cometeram
mas desejariam, quem sabe, cometer
e Deus não permitiu. Persignei-me sem convicção.
O Cônego sorriu. O Diabo sorria em suas rugas.

IV

Passeio no Antigo Testamento sempre que possível
entre duas crônicas de jornal
com hora marcada de entrega.
O que me seduz nesses capítulos
é Jeová em sua pujança
castigando as criaturas infames e as outras: igualmente.
Parece que todos os deuses eram assim
e por isto se faziam amar
entre mortais instigados pelo terror.
Gostaria de ver Milton Campos debatendo polidamente com Deus
as razões de sua fereza. Talvez o demudasse
de tanta crueldade. Vejo
florir a primeira violeta africana
no vaso do balcão, presente de Marcelo Garcia.
Sestro de flores: aparecem quando não esperadas.
Deveríamos esperá-las sempre e com urgência,
reclamando nova floração a cada momento do dia.
Moisés me intriga. Rei ou servo do Senhor?

V

Condenado a escrever fatalmente o mesmo poema
e ele não alcança perfil definitivo.
Talvez nem exista. Perseguem-me quimeras.
O problema não é inventar. É ser inventado
hora após hora e nunca ficar pronta
nossa edição convincente. O hotel de Barra do Pirai
era ao mesmo tempo locomotiva e hospedaria.
O trem passava, fumegante, no refeitório,
as paredes com aves empalhadas iam até o mato virgem.
Tínhamos medo de a composição sair sem apitar
e ficarmos irremediavelmente ali, lugar sem definição.
Jamais poema algum se desprenderia da ambição de poema.
Compreenda quem possa. Naquele tempo não usava
existirem mulheres. Tudo abstração. Sofria-se muito.
Entre Schopenhauer e Albino Forjaz de Sampaio,
leituras ardiam na pele. Quem sabia de Freud?
A Avenida Atlântica situa essas coisas numa palidez de galáxia.

VI

O Vampiro resume as assombrações que me visitavam
no tempo de imagens. Enfrento-o cara a cara,
aperto-lhe a mão, proponho-lhe em desafio minha carótida.
Ele quer outra coisa. Sempre outra coisa me rogavam
sem que dissessem e eu soubesse qual.
Crime, loucura, danação,
todas hipóteses. Nunca descobri a verdadeira.
Lúcia Branco, o piano, tentou iniciar-me na Rosa-Cruz,
um dia invoquei, mudos, os espíritos.
Não sou digno, eu sei, de transcendência,
e há rios no atlas que fluem contra o oceano,
voltam ao fio d'água, explicam-se pelo arrependimento.
Compreendo: são o avesso do rio.
Mas a vida não é o avesso da vida. É o avesso absoluto
se tentamos codificá-la. Cerejas ao marasquino, você gosta?
Devorei potes inteiros, e os fantasmas insistindo
com o pedido indecifrável.
O Vampiro aceita café. Iremos juntos ao cinema do bairro.

VII

O homem sem convicções pode passar a vida honradamente.
Alguém o prova, é só olhar-se no espelho
com vaidade perversa.
Passar a vida será viver? Que é honradamente?
Rodrigo Melo Franco de Andrade não conheceu descanso
enquanto ruíam campanários, pinturas parietais descascavam
e ele consumia os olhos na escrita miúda
de impugnações e embargos
ao vandalismo e à traficância dos simoníacos.
Chega a hora de escalar ilusões,
e esta ainda é uma ilusão, que nos embala no espaço inabitado.
Perder, aprendi, também é melodioso. Declaro-me guerreiro vencido.
São guerras surdas, explosões no centro mesmo da Terra.
Imbricado em tudo isto, distingue-se talvez o violino
que revive a Idade de Ouro
e a prolonga no caos.
Adagietto, maior delícia para ouvidos surdos
que adivinham a seu modo a tessitura lenta.
Não sinto falta de grandes timbres orquestrais.
O entardecer me basta.

VIII

Aparição, diurna aparição,
à luz opõe sua neblina: desde sempre
me sei parceiro deste jogo, sem que o entenda.
Projeção de lado oculto de mim mesmo
ou fenômeno visual como o arco-íris,
pouco importa. Este fantasma existe.
Chamei Abgar Renault para comprová-lo. Comprovou.
Exibe-se na Praça Paris ao meio-dia.
No Corcovado mostra-se. Na Lagoa
Rodrigo de Freitas, vago espéculo.
As coisas injustificadas adoram ser injustificadas.
Esta, ou este não sei quê, mantém-se imóvel.
Eis que algo se mexe
impressentido em sua nebulosidade: pulvínulo.
Penso, terceira hipótese: amigos mortos

revezam-se, divertem-se em vapor.
Um dia os chamarei pelos nomes. O meu, entre eles.
E se alegrarão vendo que os reconheci.
E me alegrarei vendo que afinal me conheço.
O dia-sol invade todos os cubículos.

IX

L'indifferent de Watteau é um gato acordado. Os gatos
são indiferença armada. Inútil considerá-los
superfícies elásticas de veludo e macieza de existir.
Tantas vezes me arranhei ao contato deles que hoje
eu próprio me arranho e firo, felino maquinal.
Penso o gato e sua destreza, o gato e seu magnetismo.
Sua imobilidade contém todas as circunstâncias
e ângulos de ataque. Assim me seduz
o possível de um gato dormindo. Mulheres que nunca me olharam
levam consigo gestos de paixão, de morte e êxtase.
Mas os gestos pensados são mármore. O gato é mármore.
A vida toda espero desprender-se — um minuto! — a estátua,
e, a menos que me torne igualmente estátua, jamais saberei
o interior da mudez. A pouca ciência da vida
não esclarece os fatos inexistentes, muito mais poderosos
que a história do homem em fascículos. Datas, como vos desprezo
em vossa arrogância de marcos da finitude.
Uma noite, em companhia de Emílio Guimarães Moura,
identifiquei o sertão. Eram duas pupilas de fogo
e hálito de terra seca em boca desdentada.

X

Alfa, Beta e Gama de Pégaso no céu de outubro
presidem com sabedoria o destino do passante
velado pela nebulosa de Andrômeda.
Grato é saber que nada se decide aqui embaixo
nas avenidas do homem e sua perplexidade.
Que o dedo anular, ao mover-se,
é ditado por um sistema de estrelas. Nossa casa, nossa comida,
o firmamento. Abandono-me a vós, constelações.
E a ti, nobre Virgílio,
peço-te que me conduzas à Nubécula Mínor,

de onde ficarei mirando a Terra e seus erros abolidos.
Será soberbo desatar-me de laços precários
que em mim e a mim me prendem e turvam
a condição de coisa natural. Não serei mais eu,
nenhum fervor ou mágoa me percorrendo. Plenitude
sideral do inexistente indivíduo
reconciliado com a matéria primeira.
A alegria, sem este ou qualquer nome. Alegria
que nem se sabe alegria, de tão perfeita.
Minha canção de alinhavo resolve-se entre cirros.

BALANÇO

A pobreza do eu
a opulência do mundo

A opulência do eu
a pobreza do mundo

A pobreza de tudo
a opulência de tudo

A incerteza de tudo
na certeza de nada.

FAVELÁRIO NACIONAL

*À memória de Alceu Amoroso Lima,
que me convidou a olhar para as favelas
do Rio de Janeiro.*

1. *Prosopopeia*

Quem sou eu para te cantar, favela,
que cantas em mim e para ninguém a noite inteira de sexta
e a noite inteira de sábado
e nos desconheces, como igualmente não te conhecemos?

Sei apenas do teu mau cheiro: baixou a mim, na viração,
direto, rápido, telegrama nasal
anunciando morte... melhor, tua vida.

Decoro teus nomes. Eles
jorram na enxurrada entre detritos
da grande chuva de janeiro de 1966
em noites e dias e pesadelos consecutivos.
Sinto, de lembrar, essas feridas descascadas na perna esquerda
chamadas Portão Vermelho, Tucano, Morro do Nheco,
Sacopã, Cabritos, Guararapes, Barreira do Vasco,
Catacumba catacumbal tonitruante no passado,
e vem logo Urubus e vem logo Esqueleto,
Tabajaras estronda tambores de guerra,
Cantagalo e Pavão soberbos na miséria,
a suculenta Mangueira escorrendo caldo de samba,
Sacramento... Acorda, Caracol. Atenção, Pretos Forros!
O mundo pode acabar esta noite, não como nas Escrituras se
[estatui.

Vai desabar, grapiola por grapiola,
trapizonga por trapizonga,
tamanco, violão, trempe, carteira profissional, essas drogas todas,
esses tesouros teus, altas alfaías.

Vai desabar, vai desabar
o teto de zinco marchetado de estrelas naturais
e todos, ó ainda inocentes, ó marginais estabelecidos, morreréis
pela ira de Deus, mal governada.

Padecemos este pânico, mas
o que se passa no morro é um passar diferente,
dor própria, código fechado: Não se meta,
paisano dos baixos da Zona Sul.

Tua dignidade é teu isolamento por cima da gente.
Não sei subir teus caminhos de rato, de cobra e baseado,
tuas perambeiras, templos de Mamallapuram
em suspensão carioca.

Tenho medo. Medo de ti, sem te conhecer,
medo só de te sentir, encravada
favela, erisipela, mal-do-monte
na coxa flava do Rio de Janeiro.

Medo: não de tua lâmina nem de teu revólver
nem de tua manha nem de teu olhar.
Medo de que sintas como sou culpado
e culpados somos de pouca ou nenhuma irmandade.

Custa ser irmão,
custa abandonar nossos privilégios
e traçar a planta
da justa igualdade.

Somos desiguais
e queremos ser
sempre desiguais.
E queremos ser
bonzinhos benévolos
comedidamente
sociologicamente
mui bem comportados.

Mas, favela, *ciao*,
que este nosso papo
está ficando tão desagradável.
Vês que perdi o tom e a empáfia do começo?

O bloco de pedra ameaça
triturar o presépio de barracos e biroskas.
Se deslizar, estamos conversados.
Toda gente lá em cima sabe disso
e espera o milagre,
ou, se não houver milagre, o aniquilamento instantâneo,
enquanto a Geotécnica vai tecendo o aranhol de defesas.
Quem vence a partida? A erosão caminha
nos pés dos favelados e nas águas.
Engenheiros calculam. Fotógrafos
esperam a catástrofe. Deus medita
qual o melhor desfecho, senão essa
eterna expectativa de desfecho.

O morro vem abaixo esta semana
de dilúvio
ou será salvo por Oxóssi?
Diáfana, a morte paira no esplendor
do sol no zinco.
Morte companheira. Morte,
colar no pescoço da vida.
Morte com paisagem marítima,
gaivota,
estrela,
talagada na manhã de frio
entre porcos, cabritos e galinhas.
Tão presente, tão íntima que ninguém repara
no seu hálito.
Um dia, possivelmente madrugada de trovões,
virá tudo de roldão
sobre nossas ultra, semi ou nada civilizadas cabeças
espectadoras
e as classes se unirão entre os escombros.

3. *Urbaniza-se? Remove-se?*

São 200, são 300
as favelas cariocas?
O tempo gasto em contá-las
é tempo de outras surgirem.

800 mil favelados
ou já passa de um milhão?
Enquanto se contam, ama-se
em barraco e a céu aberto,
novos seres se encomendam
ou nascem à revelia.
Os que mudam, os que somem,
os que são mortos a tiro
são logo substituídos.
Onde haja terreno vago,
onde ainda não se ergueu
um caixotão de cimento
esguio (mas vai-se erguer)
surgem trapos e tarecos,
sobe fumaça de lenha
em jantar improvisado.

Urbaniza-se? Remove-se?
Extingue-se a pau e fogo?
Que fazer com tanta gente
brotando do chão, formigas
de formigueiro infinito?
Ensinar-lhes paciência,
conformidade, renúncia?
Cadastrá-los e fichá-los
para fins eleitorais?
Prometer-lhes a sonhada,
mirífica, róseo-futura
distribuição (oh!) de renda?
Deixar tudo como está
para ver como é que fica?
Em seminários, simpósios,
comissões, congressos, cúpulas
de alta vaniloquência
elaborar a perfeita
e divina solução?

Um som de samba interrompe
tão sérias cogitações,
e a cada favela extinta
ou em vila transformada,

com direito a pagamento
de COMLURB, ISS, Renda,
outra aparece, larvar,
rastejante, desafiante,
de gente que nem a gente,
desejante, suspirante,
ofegante, lancinante.
O mandamento da vida
explode em riso e ferida.

4. *Feliz*

De que morreu Lizélia no Tucano?
Da avalanche de lixo no barraco.
Em seu caixão de lixo e lama ela dormiu
o sono mais perfeito de sua vida.

5. *O nome*

Me chamam Bonfim. A terra é boa,
não se paga aluguel, pois é do Estado,
que não toma tenência dessas coisas
por enquantemente. Na vala escorre
a merda dos barracos. Tem verme
n'água e n'alma. A gente se acostuma.
A gente não paga nada pra morar,
como ia reclamar?

Meu nome é Bonfim. Bonfim geral.
Que mais eu sonho?

6. *Matança dos inocentes*

Meu nome é Rato Molhado.
Meus porcos foram todos sacrificados
para acabar com a peste dos porcos.
Fiquei sem saúde e sem eles.
Uma por uma ou todas de uma vez
pereceram minhas riquezas. Em Inhaúma
sobram meus ratos incapturáveis.

7. *Faz Depressa*

Aqui se chama Faz Depressa
porque depressa se desfaz
a casa feita num relâmpago
em chão incerto, deslizante.
Tudo se faz aqui depressa.
Até o amor. Até o fumo.
Até, mais depressa, a morte.
Ainda mesmo se não se apressa,
a morte é sempre uma promessa
de decisão geral expressa.

8. *Guaiamu*

Viemos de Minas, sim senhor,
fugindo da seca braba lá do Norte.
Em riba de cinco estacas fincadas no mangue
a gente acha que vive
com a meia graça de Deus Pai Nosso Senhor.
Diz-que isto aqui tem nome Nova Holanda.
Eu não dou fé, nem sei onde é Holanda velha.
Me dirijo à Incelência: Isso é mar?
Mar, essa porcaria que de tarde
a onda vem e limpa mais ou menos,
e volta a ser porcaria, porcamente?
Vossa Senhoria tá pensando
que a gente passa bem de guaiamu
no almoço e na janta repetido?
Guaiamu sumiu faz tempo.
Aqui só vive gente, bicho nenhum
tem essa coragem.
Espia a barriga,
espia a barriga estufada dos meninos,
a barriga cheia de vazio,
de Deus sabe o quê.
Ele não podendo sustentar todo mundo
pelo menos faz inchar a barriga até este tamanho.

9. *Olheiros*

Pipa empinada ao sol da tarde,
sinal que polícia vem subindo.
Sem pipa, sem vento,
sem tempo de empinar,
o assovio fino vara o morro,
torna o corpo invisível, imbatível.

10. *Sabedoria*

Deixa cair o barraco, Ernestilde,
deixa rolar encosta abaixo, Ernestilde,
deixa a morte vir voando, Ernestilde,
deixa a sorte brigar com a morte, Ernestilde.
Melhor que obrigar a gente, Ernestilde,
a viver sem competência, Ernestilde,
no áureo, remoto, mítico
— lúgubre
conjunto habitacional.

11. *Competição*

Os garotos, os cães, os urubus
guerreiam em torno do esplendor do lixo.
Não, não fui eu que vi. Foi o Ministro
do Interior.

12. *Desfavelado*

Me tiraram do meu morro
me tiraram do meu cômodo
me tiraram do meu ar
me botaram neste quarto
multiplicado por mil
quartos de casas iguais.
Me fizeram tudo isso
para meu bem. E meu bem
ficou lá no chão queimado
onde eu tinha o sentimento
de viver como queria
no lugar onde queria
não onde querem que eu viva

aporrinhado devendo
prestação mais prestação
da casa que não comprei
mas compraram para mim.
Me firmo, triste e chateado,
Desfavelado.

13. *Banquete*

Dia sim dia não, o caminho
despeja 800 quilos de galinha podre,
restos de frigorífico,
no pátio do Matruco,
bem na cara do Morro da Caixa-d'Água
e do Morro do Tuiuti.
O azul das aves é mais sombrio
que o azul do céu, mas sempre azul
convertível em comida.
Baixam favelados deslumbrados,
cevam-se no monturo.
Que morador resiste
à sensualidade de comer galinha azul?

14. *Aqui, ali, por toda parte*

As favelas do Rio transbordam sobre Niterói
e o Espírito Santo fornece novas pencas de favelados.
O Morro do Estado ostenta sem vexame sua porção de miséria.
Fonseca, Nova Brasília (sem ironia)
estão dizendo: "Um terço da população urbana
selou em nós a fraternidade de não possuir bens terrestres".
Os verdes suspensos da Serra em Belo Horizonte
envolvem de paisagem os barracos da Cabeça de Porco.
Se não há torneiras, canos de esgoto, luz elétrica,
e o lixo é atirado no ar e a enchente carrega tudo, até os vivos,
resta o orgulho de ter aos pés os orgulhosos edifícios do Centro.
Belo Horizonte, dor minha muito particular.
Entre favelas e alojamentos eternamente provisórios de favelados expulsos
(pois carece mandá-los para "qualquer parte", pseudônimo do Diabo),
São Paulo cresce imperturbavelmente em esplendor e pobreza,

com 20 mil favelados no ABC.

Em Salvador, os alagados jungidos à última condição humana
colhem, risonhos, a chuva de farinha, macarrão e feijão
que jorra da visita do Presidente.

No Recife...

Quando se aterra o mangue
fogem os miseráveis para as colinas
entre dois rios. E tudo continua
com outro nome.

15. *Indagação*

Antes que me urbanizem a régua, compasso,
computador, cogito, pergunto, reclamo:

Por que não urbanizam antes
a cidade?

Era tão bom que houvesse uma cidade
na cidade lá embaixo.

16. *Dentro de nós*

Guarda estes nomes: *bidonville, taudis, slum,*
witch-town, sanky-town,
callampas, cogumelos, corraldas,
hongos, barrio paracaidista, jacale,
cantegril, bairro de lata, gourbville,
champa, court, villa miseria,
favela.

Tudo a mesma coisa, sob o mesmo sol,
por este largo estreito do mundo.

Isto consola?

É inevitável, é prescrito,
lei que não se pode revogar
nem desconhecer?

Não, isto é medonho,
faz adiar nossa esperança
da coisa ainda sem nome
que nem partidos, ideologias, utopias
sabem realizar.

Dentro de nós é que a favela cresce
e, seja discurso, decreto, poema

que contra ela se levante,
não para de crescer.

17. *Palafitas*

Este nasce no mangue, este vive no mangue.
No mangue não morrerá.
O maravilhoso Projeto X vai aterrar o mangue.
Vai remover famílias que têm raízes no mangue
e fazer do mangue área produtiva.
O homem entristece.
Aquilo é sua pátria,
aquele, seu destino,
seu lodo certo e garantido.

18. *Cidade grande*

Que beleza, Montes Claros.
Como cresceu Montes Claros.
Quanta indústria em Montes Claros.
Montes Claros cresceu tanto,
ficou urbe tão notória,
prima rica do Rio de Janeiro,
que já tem cinco favelas
por enquanto, e mais promete.

19. *Confronto*

A suntuosa Brasília, a esquelética Ceilândia
contemplam-se. Qual delas falará
primeiro? Que tem a dizer ou a esconder
uma em face da outra? Que mágoas, que ressentimentos
prestes a saltar da goela coletiva
e não se exprimem? Por que Ceilândia fere
o majestoso orgulho da flórea Capital?
Por que Brasília resplandece
ante a pobreza exposta dos casebres
de Ceilândia,
filhos da majestade de Brasília?
E pensam-se, remiram-se em silêncio
as gêmeas criações do gênio brasileiro.

20. Gravura baiana

Do alto do Morro de Santa Luzia,
Nossa Senhora de Alagados, em sua igreja nova,
abençoa o viver pantanoso dos fiéis.
Por aqui andou o Papa, abençoou também.
A miséria, irmãos, foi dignificada.
Planejar na Terra a solução
fica obsoleto. *Sursum corda!*
Haverá um céu privativo dos miseráveis.

21. A maior

A maior! A maior!
Qual, enfim, a maior
favela brasileira?
A Rocinha carioca?
Alagados, baiana?
Um analista indaga:
Em área construída
(se construção se chama
o sopro sobre a terra
movediça, volúvel,
ou sobre água viscosa)?
A maior, em viventes,
bichos, homens, mulheres?
Ou maior em oferta
de mão de obra fácil?
Maior em aparelhos
de rádio e de tevê?
Maior em esperança
ou maior em descrença?
A maior em paciência,
a maior em canção,
rainha das favelas,
imperatriz-penúria?
Tantos itens... O júri
declara-se perplexo
e resolve esquivar-se
a qualquer veredicto,

pois que somente Deus
(ou melhor, o Diabo)
é capaz de saber
das mores, a maior.

Posfácio

O CORPO E SEUS POSSÍVEIS
Maria Esther Maciel

Carlos Drummond de Andrade sempre soube traduzir, com destreza, a experiência do mundo na experiência da palavra poética. Desde sua estreia em livro, com *Alguma poesia*, em 1930, “os materiais da vida” foram a principal matéria-prima de seus poemas, potencializados pelos sentimentos, sensações e abstrações em torno e a partir de sua própria vivência das coisas do mundo.

Corpo, publicado em 1984, reafirma — em anos tardios — essa sabedoria poética de Drummond, que extraiu da existência os possíveis e os impossíveis que sempre constituíram sua vasta obra. O livro foi um dos dois que saíram logo após a despedida do poeta, naquele mesmo ano, da casa editorial do velho amigo José Olympio — que publicara todos os seus livros, até então. Foi quando ele também se desligou do *Jornal do Brasil*, encerrando o ofício de cronista, após 64 anos de dedicação ao jornal. Isso torna *Corpo* um ponto de passagem de Drummond para uma outra fase (a última) de sua vida, já que ele morreria três anos depois, logo após passar pela terrível experiência da morte de sua única filha, Maria Julieta.

Se o poeta itabirano continuou, nessa derradeira etapa, a sondar certos elementos recorrentes em sua obra anterior, como o registro do presente imediato, a memória de um passado irreversível, o olhar irônico sobre os usos políticos e econômicos da vida, a evocação do amor e da experiência erótica, a consciência da morte e da corrosão do tempo, entre outros, isso tudo se faz ver neste livro, sob a visão de um homem já em idade avançada e ciente da proximidade do fim. Mesmo o erotismo, que na época teve uma reconhecida importância para ele — vide suas entrevistas desses anos e os poemas de erotismo explícito que reuniu, mas só foram publicados postumamente em *O amor natural* —,¹ aparece no livro de 1984 por um viés mais metafísico que físico. Isso, apesar do título de evidente sugestão erótica.

Pode-se afirmar que o corpo adquire, nesta obra, várias possibilidades de figuração e significados, que ultrapassam o campo estrito do erotismo, ainda que este também esteja presente em alguns poemas, como o conciso “Pintor de mulher”, em que o poeta trata da experiência de gozo e contemplação diante dos signos e das curvas do corpo feminino capturados pelo traço de um artista.

Em *Corpo*, pode-se vislumbrar o corpo tomado tanto como espaço em que se materializa o amor, quanto como cárcere ou “invólucro perfeito” da alma. No livro, também estão o corpo cansado, que “não se levanta nem precisa levantar-se”; o corpo contraditório, em embate consigo mesmo e com o mundo; o corpo dividido, em busca de algo para além da matéria; o corpo rebelde, que desafia

quem o possui; e o corpo ciente de sua própria efemeridade. Acrescente-se a isso a ideia de corpo social, urbano — inscrita sobretudo no poema “Favelário nacional” —, bem como a evocação oblíqua de um corpo literário, identificável especialmente nas “Canções de alinhavo”. Para não mencionar o enfrentamento “corpo a corpo” do poeta com Deus, presente no poema “Combate”.

Assim, a palavra que dá título a este livro amplia-se sob o olhar do poeta e ganha diversos matizes, sem se circunscrever ao que comumente dela se espera. Nesse sentido, *Corpo* sustenta uma unidade múltipla, pois os poemas que o compõem são modulados, de diferentes maneiras, a partir ou ao redor da noção matizada (e quase sempre contraditória) de corporalidade. O que confere simultaneamente ao conjunto uma coerência e uma mobilidade.

As contradições dessa palavra incidem, ainda, na própria configuração do sujeito poético que a pronuncia. Isso porque o eu que se expressa nos poemas do livro não deixa de demonstrar consciência da cisão que o constitui, reconhecendo, em diferentes passagens, sua própria instabilidade diante da existência. A epígrafe que abre o volume já sugere esse estado instável e cambiante:

O problema não é inventar. É ser inventado
hora após hora e nunca ficar pronta
nossa edição convincente.

Os versos, extraídos de “Canções de alinhavo”, um dos poemas do livro, tratam de nossa impossibilidade, como humanos sempre em autoconstrução, de chegarmos a uma versão definitiva de nós mesmos, dadas a força do tempo, a precariedade do corpo e as ameaças do mundo. Daí o conflito, aliado à necessidade de inventarmos nossa própria vida incessantemente.

Não à toa, portanto, que o primeiro poema do livro se intitule “As contradições do corpo” e traga à tona o conflito do sujeito poético consigo mesmo ao reconhecer-se outro em relação à sua própria corporalidade:

Meu corpo não é meu corpo,
é ilusão de outro ser.
Sabe a arte de esconder-me
e é de tal modo sagaz
que a mim de mim ele oculta.

É um eu paradoxal, em estado de “alteridade”, que toma o corpo como uma instância independente face às vontades e à consciência de quem o possui. E a

essa independência ainda se conjuga uma rebeldia impositiva, visto que o corpo, dotado de um saber soberano sobre o próprio sujeito, vale-se de ardis para exercitar sua autonomia e autoridade sobre este. Ou seja, é um corpo que encarcera, ordena, engana. Daí o embate:

Quero romper com meu corpo,
quero enfrentá-lo, acusá-lo,
por abolir minha essência,
mas ele sequer me escuta
e vai pelo lado oposto.

O conflito desse eu cindido acaba por levá-lo a um desejo de transcendência da matéria, o que vai se explicitar de forma mais incisiva no poema seguinte, “A metafísica do corpo”. Nele, a concretude corporal cede espaço a abstrações como “a alma do corpo” e “música de esferas e de essências”. Sob esse prisma, o corpo figura como o “invólucro perfeito” que, em sua transparência, “revela o ser”.

Esse tom metafísico também incide no poema “O minuto depois”, em que a nudez é qualificada como o “último véu da alma”, e o contato físico se diviniza para além “da pele, dos músculos,/ dos nervos, do sangue, dos ossos”, numa “sublime conjunção”. Dessa forma, percebe-se uma espécie de simetria inversa do poema com outro, inserido no livro *Lição de coisas* (1962), em que a nudez é associada a uma “cortina de outro corpo, jamais apreendido”. Trata-se do poema “Mineração do outro”, no qual os paradoxos da experiência amorosa se mostram — como bem observou Davi Arrigucci Jr. num iluminador estudo sobre o poema —² no processo de decifração do outro, empreendido por quem ama. Um processo que, ao descortinar aquilo que as palavras encobrem, culmina na falta de sentido.³ Assim, a cortina que se coloca entre o sujeito e o mistério do corpo alheio se torna, em “O minuto depois”, o véu que oculta o mistério da alma.

As incursões do poeta nas abstrações deflagradas pela experiência erótica levam-no também a indagações frequentes sobre os aspectos paradoxais do amor. Diversos poemas da primeira porção do livro tratam da vivência amorosa, apresentando o amor humano como um laço instável entre dois seres suscetíveis aos acidentes do tempo e que sabem que vão morrer um dia. “O amor e seus contratos”, “As sem-razões do amor”, “Aspiração”, “A hora do cansaço” e “O seu santo nome” se inserem, de maneiras variáveis, nesse registro. Uma das lições transmitidas por eles poderia ser resumida nesta frase de Octavio Paz, extraída de *A dupla chama — amor e erotismo*: “Se o amor é tempo, não pode ser eterno”;⁴ apesar de Drummond, por vezes, mencionar a busca ilusória da eternidade do amor, ou idealizá-lo como palavra que, por ser

“toda sigilo e nudez, perfeição e exílio na Terra”, não deve ser pronunciada em vão. Nesse caso, o amor aparece, absoluto, para além de sua “condição de carne e alma”, a exemplo do que se lê em “Aspiração” e, de certa forma, nestes versos de “As sem-razões do amor”:

Porque amor não se troca,
não se conjuga nem se ama.
Porque amor é amor a nada,
feliz e forte em si mesmo.

A consciência do fim, conjugada ao desejo do poeta por uma eternidade, ainda que provisória, inscreve-se em quase toda essa lírica amorosa, o que condiz com outro pensamento de Paz sobre o tema: “Por ser temporal, o amor é, simultaneamente, consciência da morte e tentativa de fazer do instante uma eternidade”.⁵

Atesta isso este fragmento extraído de “A hora do cansaço”, que põe em evidência a fragilidade do laço amoroso entre as pessoas, tendo em vista a força imprecavável do tempo sobre tudo o que existe:

As coisas que amamos,
as pessoas que amamos
são eternas até certo ponto.
Duram o infinito variável
no limite de nosso poder
de respirar a eternidade

A lírica amorosa drummondiana, em suas distintas modulações, atesta em suas linhas e entrelinhas que o amor escapa às amarras semânticas dos dicionários “e a regulamentos vários” para se transformar o tempo todo em algo reverso de si mesmo. Drummond, aliás, não deixa de explicitar, em *Corpo*, o vínculo entre amor, falta, ausência e morte, como no belo “Ausência” e no interrogativo “Por quê?”.

No primeiro, a ausência é redimensionada em relação à falta e alçada a uma experiência positiva para o sujeito que a assimila. “A ausência é um estar em mim”, diz o eu poético, constatando que “não há falta na ausência”. Já no segundo, vê-se a angústia de um eu diante da falta de sentido que é nascer para amar, se morrer é inevitável. Feito só de perguntas, esse poema abre o livro para uma série de poemas sobre a morte, os mortos e as contradições de Deus — temas recorrentes em toda a poesia drummondiana anterior e que, em *Corpo*, se potencializam sob a certeza do poeta quanto à iminência do fim.

Desses poemas, “Como encarar a morte” destaca-se pelo caráter multifocal, já que a morte é vista sob cinco posições do olhar do poeta: de longe, a meia distância, de lado, de dentro e sem vista. Para cada situação, encontra-se um pequeno poema que mantém sua autonomia, ao mesmo tempo em que se vincula aos demais e contribui para fornecer coerência ao conjunto. Os sentidos da morte são, assim, capturados de acordo com o posicionamento da visão do sujeito diante dela, o que é feito gradualmente, de forma a sugerir a passagem da matéria viva e visível — no caso, um cenário com bem-te-vis, plantas e um barco — ao mistério do que por “mais sabido, mais se ignora”.

Vale acrescentar que entre um poema e outro dessas séries sobre os temas do corpo, do amor e da morte, o poeta inclui alguns poemas que se desviam desse eixo central, apontando outras possibilidades de reflexão que o ultrapassam. Nesse sentido, “História natural”, “Duende”, “Flor experiente”, “Verdade” e o “O pleno e o vazio” trazem, cada um à sua maneira, inquietações de ordem mais existencial em relação à vida e ao mundo, servindo tanto para potencializar os temas centrais, como para prefigurar a tônica da segunda metade do livro — mais voltada para uma visada de ordem social, ecológica, literária e memorialística.

O principal ponto de passagem de *Corpo* para essa segunda metade está no poema intitulado “A chave”, que leva o poeta ao trânsito de si mesmo para o mundo e para os outros, como sugerem estes versos:

A porta principal, esta é que abre
sem fechadura e gesto.
Abre para o imenso.
Vai-me empurrando e revelando
o que não sei de mim e está nos Outros.

Num jogo entre dentro e fora, presente e passado, antigo e moderno, intimidade e alteridade, o poema se expande em torno e a partir da figura da chave, na qual se concentra uma miríade de imagens, paisagens e ideias. Desse ponto em diante, o livro abre-se também, mais efetivamente, aos movimentos da memória e ao “sentimento do mundo”, traço drummondiano por excelência.

No campo das lembranças, cabe mencionar, entre outros, os poemas “O céu livre da fazenda”, que possui também uma inflexão ecológica; “Canção de Itabira”, com a evocação da infância do poeta; “Balanço”, que avalia as certezas e incertezas de tudo, a partir do confronto entre o eu e o mundo; e “O ano passado”, que nos dá a sensação de que quanto mais as coisas mudam, mais continuam as mesmas. Como já observou Fábio de Souza Andrade, no livro *Corpo* a memória é “submetida à pressão do encontro definitivo, último balanço do vivido”, o que impõe ao sujeito “o paradoxo implicado na morte, possibilidade

única de se tornar dono de uma identidade irrevogável, ainda que arbitrária”.⁶ Um paradoxo, aliás, que dá o tom de “O pleno e o vazio”, poema incluído antes de “A chave”, em que o poeta reflete, filosoficamente, sobre os enlaces simultâneos entre memória e esquecimento, frente à inevitabilidade da morte. Cito a última estrofe:

Que caixa esquisita guarda
em mim sua névoa e cinza,
seu patrimônio de chamas,
enquanto a vida confere
seu limite, e cada hora
é uma hora devida
no balanço da memória
que chora e que ri, partida?

A cidade de Ouro Preto, “que de pedra e talha se eleva/ à gozosa esfera dos anjos”, também se faz presente nessa parte do livro, mas agora subtraída do peso de sua história secular e desprendida da “metafísica tristeza” do passado. É uma Ouro Preto “livre do tempo”, que esconde “uma cidade além-cidade”, visível para quem a ela se entrega.

No que tange aos poemas de feição mais social, “Eu, etiqueta” reedita uma conhecida inquietação de Drummond diante dos usos e abusos da sociedade mercantilista e consumista do nosso tempo, a qual nos converte em coisas, objetos de consumo. Para tanto, o poeta se vale de um recurso já explorado em obras anteriores e que ainda se mantém em livros da fase tardia: o das listas. No poema, elas são usadas para elencar etiquetas, estampas e dizeres que, ao designar marcas comerciais e trazer anúncios de produtos diversos, colam-se em nossas roupas e sapatos, transformando-nos também em artigos mercantis. Cito um fragmento:

Meu lenço, meu relógio, meu chaveiro,
minha gravata e cinto e escova e pente,
meu copo, minha xícara,
minha toalha de banho e sabonete,
meu isso, meu aquilo,
desde a cabeça ao bico dos sapatos,
são mensagens,
letras falantes,
gritos visuais,

ordens de uso, abuso, reincidência,

Costurado, tecido, gravado e rotulado, cabe ao sujeito esta triste constatação: “Meu nome novo é coisa./ Eu sou a coisa, coisamente”.

Pode-se afirmar que “Eu, etiqueta” segue, em certa medida, o viés de “Liquidação de inverno” (de *Amar se aprende amando*, 1985), que incorpora a linguagem publicitária das pechinchas do comércio com seus anúncios de produtos e seus respectivos preços. Assim como remete a “Jornal de serviço: leitura em diagonal nas ‘páginas amarelas’” (de *Discurso de primavera*, 1977), composto de nove listas de produtos à venda, sejam eles pessoas (a exemplo dos “peritos em exames de documentos ou em imposto de renda”), sejam condimentos, máquinas e fogos de artifício. Observa-se, nesses textos atravessados de listas, o nítido intuito de ironizar os mecanismos empregados pela lógica burocrática e comercial para ordenar, controlar, hierarquizar e rotular nossa vida cotidiana.

Mas se “Eu, etiqueta”, com suas relações de itens, apresenta essa função crítica, as listas não deixam de desempenhar outros papéis no livro *Corpo*. No próprio poema “A chave”, o ato de listar aparece com a diferente finalidade de manter vivas as coisas do passado, como este fragmento sugere:

Escuto a voz da chave, canavial,
uva espremida, berne de bezerro,
esperança de chuva, flor de milho,
o grilo, o sapo, a madrugada, a carta,
a mudez desatada na linguagem
que só a terra fala ao fino ouvido.

Tal compilação de coisas, imagens, reminiscências e referências do passado também se faz ver, agora aliada a preocupações de ordem ecológica, no poema “O céu livre da fazenda”, uma vez que o poeta enumera diversos nomes de aves que frequentaram a vida rural dos velhos tempos e que, hoje, encontram-se em processo de desaparecimento por causa da ganância humana:

Repara, homem do asfalto, a seriema
a preparar, no capim alto, seus disfarces,
e a corruíra-do-brejo, a viuvinha,
o lenhador-de-olho-branco, a saracura,
todas essas aves que só existem
nas gravuras dos livros, na empalhada
vitrina dos museus... porque matamos

o que era vida alada em nossa volta.⁷

As listas drummondianas ainda adquirem, nesse ato de inventariar as coisas desaparecidas, um traço afetivo e por vezes melancólico, dado que elas acabam por compor, por vias descontínuas, uma espécie de narrativa íntima da história do próprio poeta, feita de perdas apenas recuperáveis pela memória ou pela força da escrita.

Nos poemas “Canções de alinhavo” e “Favelário nacional”, por sua vez, as listas apresentam novas nuances. Neles, o teatro da memória pessoal cede espaço a um variado elenco de autores e às contradições do cenário urbano, respectivamente. Se, no primeiro, o rol que se apresenta integra nomes como os de Dalcídio Jurandir, Rui Barbosa, Mallarmé, Aníbal Machado, Martine Carol, Milton Campos, Schopenhauer, Freud, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Abgar Renault, Watteau, Virgílio, entre outros, no segundo, as favelas brasileiras são os itens enumerados e transformados em corpo poético. A ênfase, neste caso, é dada às péssimas condições dessas microcidades que estão nas dobras e à margem da vida urbana, com seu cotidiano mal governado pela “ira de Deus”, seus transbordamentos e suas porções de miséria.

Em consonância com a linha predominante em livros como *Sentimento do mundo* (1940) e *A rosa do povo* (1945), “Favelário nacional” pode ser considerado o grande poema social de *Corpo*. Constituído de 21 partes, que funcionam também como poemas avulsos, esse mosaico sobre as favelas brasileiras incorpora distintos aglomerados urbanos, com ênfase naqueles situados na capital carioca. Nele, Drummond evoca desde a devastadora enchente do início de 1966 — que assolou o Rio de Janeiro e atingiu, de forma impiedosa, sobretudo os morros —⁸ até a violência, o descaso e as condições infernais em que vivem as pessoas que habitam esses espaços de exclusão. Mas não só o Rio recebe o foco crítico do autor, já que outras cidades do Brasil (como Brasília, Belo Horizonte, Salvador, São Paulo, Recife, Montes Claros) também entram no poema como redutos de favelas e focos de miséria.

Polifônico, “Favelário nacional” é conduzido ora por uma primeira pessoa de fora, que recebe os eflúvios do morro (“Quem sou eu para te cantar, favela/ que cantas em mim”), ora pelo “eu” da própria favela nomeada e convertida em personagem (“Meu nome é Rato Molhado”⁹). Alguns moradores também assumem o lugar de enunciação no poema (“Vimos de Minas, sim senhor,/ fugindo da seca braba lá do Norte”), a eles se somando uma voz que parece narrar/ descrever tudo objetivamente (“As favelas do Rio transbordam sobre Niterói/ e o Espírito Santo fornece novas pincas de favelados.”), além de uma outra terceira pessoa que se dirige aos que vivem no lugar (“Deixa cair o barraco, Ernestilde/deixa rolar encosta abaixo, Ernestilde.”).

Como diz a estudiosa Letícia Malard no livro *No vasto mundo de Drummond*,

“favelário é a megalópole cuja (falsa) provisoriade se amplia ameaçadoramente por todo o País, tornando perene o precário, crescendo em nossas cidades e dentro de nós”.¹⁰

As listas que pipocam no poema não se restringem a nomes de favelas e cidades, pois essas se juntam às de objetos (“tamanco, violão, trempe, carteira profissional, essas drogas todas”), animais (gaivota, porcos, cabritos, galinhas, cães, urubus) e nomes estrangeiros para o próprio termo “favela” (*bidonville, taudis, slum, witch-town, sanky-town, callampas, cogumelos, corraldas, hongos* etc). Essas séries se integram naturalmente ao poema, sob os traços da ironia, do sarcasmo e de uma contundente crítica social.

O corpo urbano surge, assim, como um contraponto necessário e indissociável do corpo individual, evidenciando o velho embate indivíduo x sociedade que atravessa praticamente toda a obra de Drummond. Cada um desses corpos, coletivos ou singulares, é uma escrita diferente, com seus contornos específicos e seus pontos de tensão.

Nessa trama de corpos que constitui o livro, os leitores podem sentir, ver e perceber o vasto e contraditório universo da poesia drummondiana, o qual não se deixa capturar por esquemas fixos nem teorias preestabelecidas. Cada poema que compõe esse universo, mesmo os que reeditam motivos e formas anteriores, é único e demanda um olhar diferente de quem o lê.

Se *Corpo*, enquanto obra tardia de Drummond, oferece-nos uma nova configuração da lírica erótico-amorosa do poeta — com seus desdobramentos metafísicos, culturais, memorialísticos e sociais —, nem por isso abre mão de sua própria singularidade. Cada poema é um poema. Cada corpo é um corpo. Pois neste livro multifacetado, mesmo o já visto se torna imprevisível.

1 *O amor natural* foi publicado em 1992, por iniciativa dos herdeiros do poeta, já que este — enquanto viveu — preferiu que os poemas eróticos não viessem a público.

2 ARRIGUCCI JR., Davi. “Amor, teia de problemas”. *Coração partido*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002, p. 109-147.

3 Nas palavras de Arrigucci: “A nudez é cortina de outro corpo; a palavra encobre outra, até o sem sentido. O discurso da mineração é um caminho de padecimento que no extremo verruma no vazio”. Op. cit., p. 139-141.

4 PAZ, Octavio. *A dupla chama — amor e erotismo*. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994, p. 192.

5 PAZ, Op. cit., p. 189.

6 ANDRADE, Fábio de Souza. “Trouxeste a chave?” — poesia e memória em Carlos Drummond de Andrade. *Caderno de leituras*. Disponível em:

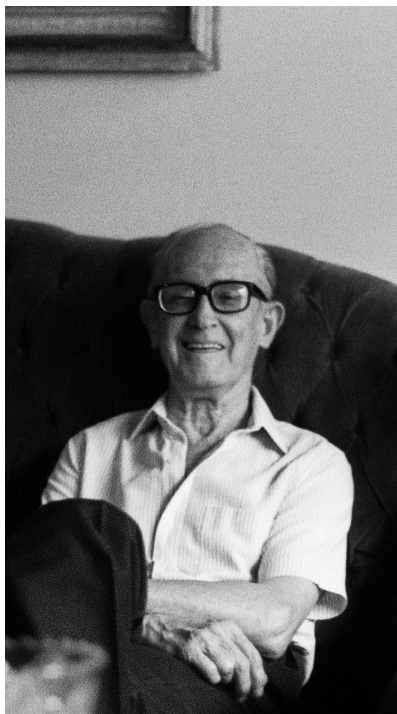
http://www.companhiadasletras.com.br/sala_professor/pdfs/CL_Drummond_Tr

7 A esse poema poderíamos associar outro, “Chamado geral”, que está no livro *Boitempo* e contém listas de pássaros e mamíferos capazes, segundo o poeta, de “restaurar em sua terra este habitante sem raízes”.

8 Essa enchente também foi abordada por Drummond na crônica “Os dias escuros”, publicada no *Correio da Manhã* em 14/01/1966.

9 A favela “Rato Molhado” — que tem o nome oficial de “Dois de Maio” — situa-se no Engenho Novo, zona norte do Rio de Janeiro.

10 MALARD, Letícia. *No vasto mundo de Drummond*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, p. 88.



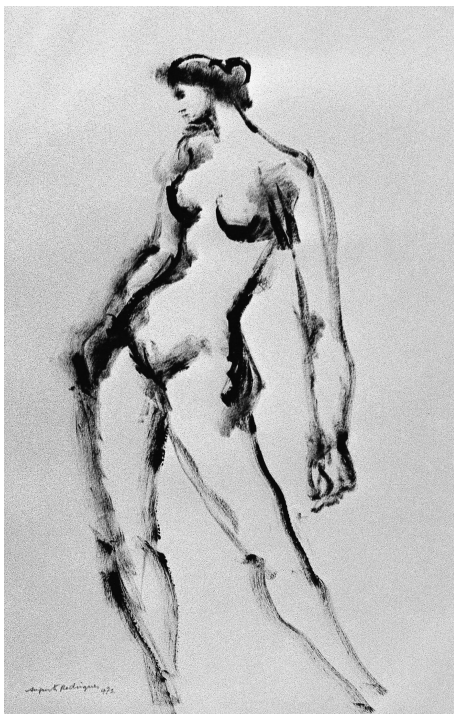
CORPO

novos
poemas

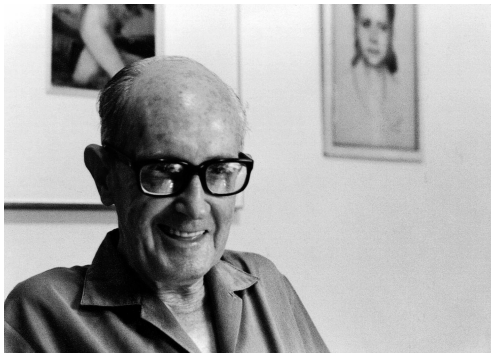


CARLOS
DRUMMOND
DE ANDRADE

1. Capa da primeira edição de *Corpo* (1984).



2. Figura feminina de Augusto Rodrigues, homenageado no poema “Pintor de mulher”.



4. A leveza do octogenário que insistia na graça e na leveza.



5. Drummond com a filha Maria Julieta em 1982.



6. Outdoor no Rio de Janeiro celebrando os oitenta anos do poeta, em 1982. A essa altura, Drummond morava há quase cinquenta anos na cidade.

De cronista para cronista
de amor para amor,

a Maria Julieta, com ternura
plena,

(Carlos (o pai
de Maria
Julieta))

CORPO

Rio, 21.4.84

8. Dedicatória do poeta à filha na página de rosto da 1ª edição de *Corpo*.

Leituras recomendadas

ANDRADE, Fábio de Souza.

“Trouxeste a chave?” — poesia e memória
em Carlos Drummond de Andrade.

Caderno de leituras. Disponível em:

http://www.companhiadasletras.com.br/sala_professor/pdfs/CL_Drummond_Tr

ARRIGUCCI JR., Davi.

Coração partido.

São Paulo, Cosac Naify, 2002.

CAMPOS, Maria do Carmo.

“Drummond, variações sobre um mesmo *Corpo*”.

A matéria prismada.

São Paulo, EDUSP, 1999, p. 162-172.

CANÇADO, José Maria.

Os sapatos de Orfeu — biografia

de Carlos Drummond de Andrade.

São Paulo, Globo, 2006.

MALARD, Letícia.

No vasto mundo de Drummond.

Belo Horizonte, Editora UFMG, 2005.

MORAES NETO, Geneton. *O dossiê Drummond*.

São Paulo, Globo, 1994.

Revista da Biblioteca Mário de Andrade

(Dossiê Drummond de Andrade — 100 anos).

São Paulo, v. 60/61, jan./dez. 2002.

1902 Nasce Carlos Drummond de Andrade, em 31 de outubro, na cidade de Itabira do Mato Dentro (MG), nono filho de Carlos de Paula Andrade, fazendeiro, e Julieta Augusta Drummond de Andrade.

1910 Inicia o curso primário no Grupo Escolar Dr. Carvalho Brito.

1916 É matriculado como

aluno interno no Colégio Arnaldo, em Belo Horizonte. Conhece Gustavo Capanema e Afonso Arinos de Melo Franco. Interrompe os estudos por motivo de saúde.

1917 De volta a Itabira, toma aulas particulares com o professor Emílio Magalhães.

1918 Aluno interno do Colégio Anchieta da Companhia de Jesus, em

Nova Friburgo, colabora na *Aurora Colegial*. No único exemplar do jornalzinho *Maio...*, de Itabira, o irmão Altivo publica o seu poema em prosa “Onda”.

1919 É expulso do colégio em consequência de incidente com o professor de português. Motivo: “insubordinação mental”.

1920 Acompanha sua família em mudança para Belo Horizonte.

1921 Publica seus primeiros trabalhos no *Diário de Minas*. Frequenta a vida literária de Belo Horizonte. Amizade com Milton Campos, Abgar Renault, Emílio Moura, Alberto Campos, Mário Casassanta, João Alphonsus, Batista Santiago, Aníbal Machado, Pedro Nava, Gabriel Passos, Heitor de Sousa e João Pinheiro Filho, habitués da Livraria Alves e do Café

Estrela.

- 1922 Seu conto “Joaquim do Telhado” vence o concurso da *Novela Mineira*. Trava contato com Álvaro Moreyra, diretor de *Para Todos...* e *Ilustração Brasileira*, no Rio de Janeiro, que publica seus trabalhos.
- 1923 Ingressa na Escola de Odontologia e Farmácia de Belo Horizonte.
- 1924 Conhece, no Grande

Hotel de Belo Horizonte,
Blaise Cendrars, Mário
de Andrade, Oswald de
Andrade e Tarsila do
Amaral, que regressam
de excursão às cidades
históricas de Minas
Gerais.

- 1925 Casa-se com Dolores
Dutra de Moraes.
Participa — juntamente
com Martins de
Almeida, Emílio Moura
e Gregoriano Canedo —
do lançamento de *A
Revista*.

1926 Sem interesse pela
profissão de
farmacêutico, cujo curso
concluía no ano
anterior, e não se
adaptando à vida rural,
passa a lecionar
geografia e português em
Itabira. Volta a Belo
Horizonte e, por
iniciativa de Alberto
Campos, ocupa o posto
de redator e depois
redator-chefe do *Diário
de Minas*. Villa-Lobos
compõe uma seresta
sobre o poema “Cantiga
de viúvo” (que iria

integrar *Alguma poesia*, seu livro de estreia).

1927 Nasce em 22 de março seu filho, Carlos Flávio, que morre meia hora depois de vir ao mundo.

1928 Nascimento de sua filha, Maria Julieta. Publica “No meio do caminho” na *Revista de Antropofagia*, de São Paulo, dando início à carreira escandalosa do poema. Torna-se auxiliar

na redação da *Revista do Ensino*, da Secretaria de Educação.

1929 Deixa o *Diário de Minas* e passa a trabalhar no *Minas Gerais*, órgão oficial do estado, como auxiliar de redação e, pouco depois, redator.

1930 *Alguma poesia*, seu livro de estreia, sai com quinhentos exemplares sob o selo imaginário de Edições Pindorama, de Eduardo Frieiro.

Assume o cargo de auxiliar de gabinete de Cristiano Machado, secretário do Interior. Passa a oficial de gabinete quando seu amigo Gustavo Capanema assume o cargo.

1931 Morre seu pai.

1933 Redator de *A Tribuna*. Acompanha Gustavo Capanema durante os três meses em que este foi interventor federal

em Minas.

- 1934 Volta às redações: *Minas Gerais*, *Estado de Minas*, *Diário da Tarde*, simultaneamente.
Publica *Brejo das almas* (duzentos exemplares) pela cooperativa Os Amigos do Livro.
Transfere-se para o Rio de Janeiro como chefe de gabinete de Gustavo Capanema, novo ministro da Educação e Saúde Pública.

- 1935 Responde pelo expediente da Diretoria-Geral de Educação e é membro da Comissão de Eficiência do Ministério da Educação.
- 1937 Colabora na *Revista Acadêmica*, de Murilo Miranda.
- 1940 Publica *Sentimento do mundo*, distribuindo entre amigos e escritores os 150 exemplares da tiragem.

- 1941 Mantém na revista *Euclides*, de Simões dos Reis, a seção “Conversa de Livraria”, assinada por “O Observador Literário”. Colabora no suplemento literário de *A Manhã*.
- 1942 Publica *Poesias*, na prestigiosa Editora José Olympio.
- 1943 Sua tradução de *Thérèse Desqueyroux*, de François Mauriac, vem a lume sob o título *Uma gota de*

veneno.

- 1944 Publica *Confissões de Minas*.
- 1945 Publica *A rosa do povo* e *O gerente*. Colabora no suplemento literário do *Correio da Manhã* e na *Folha Carioca*. Deixa a chefia do gabinete de Capanema e, a convite de Luís Carlos Prestes, figura como codiretor do diário comunista *Tribuna Popular*. Afasta-se meses depois por

discordar da orientação do jornal. Trabalha na Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN), onde mais tarde se tornará chefe da Seção de História, na Divisão de Estudos e Tombamento.

1946 Recebe o Prêmio de Conjunto de Obra, da Sociedade Felipe d'Oliveira.

1947 É publicada a sua

tradução de *Les Liaisons dangereuses*, de Laclos.

1948 Publica *Poesia até agora*. Colabora em *Política e Letras*. Acompanha o enterro de sua mãe, em Itabira. Na mesma hora, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, é executado o “Poema de Itabira”, de Villa-Lobos, a partir do seu poema “Viagem na família”.

1949 Volta a escrever no *Minas Gerais*. Sua filha,

Maria Julieta, casa-se com o escritor e advogado argentino Manuel Graña Etcheverry e vai morar em Buenos Aires. Participa do movimento pela escolha de uma diretoria apolítica na Associação Brasileira de Escritores. Contudo, juntamente com outros companheiros, desliga-se da sociedade por causa de atritos com o grupo esquerdista.

1950 Viaja a Buenos Aires

para acompanhar o
nascimento do primeiro
neto, Carlos Manuel.

- 1951 Publica *Claro enigma*,
Contos de aprendiz e *A
mesa*. O volume *Poemas*
é publicado em Madri.
- 1952 Publica *Passeios na ilha* e
Viola de bolso.
- 1953 Exonera-se do cargo de
redator do *Minas Gerais*
ao ser estabilizada sua
situação de funcionário
da DPHAN. Vai a

Buenos Aires para o nascimento do seu neto Luis Mauricio. Na capital argentina aparece o volume *Dos poemas*.

- 1954 Publica *Fazendeiro do ar & Poesia até agora*. É publicada sua tradução de *Les Paysans*, de Balzac. A série de palestras “Quase memórias”, em diálogo com Lia Cavalcanti, é veiculada pela Rádio Ministério da Educação. Dá início à série de

crônicas “Imagens”, no *Correio da Manhã*, mantida até 1969.

1955 Publica *Viola de bolso novamente encordoada*. O livreiro Carlos Ribeiro publica edição fora de comércio do *Soneto da buquinagem*.

1956 Publica *Cinquenta poemas escolhidos pelo autor*. Sai sua tradução de *Albertine disparue*, ou *La Fugitive*, de Marcel

Proust.

- 1957 Publica *Fala, amendoeira e Ciclo*.
- 1958 Uma pequena seleção de seus poemas é publicada na Argentina.
- 1959 Publica *Poemas*. Ganha os palcos a sua tradução de *Doña Rosita la Soltera*, de García Lorca, pela qual recebe o Prêmio Padre Ventura.

1960 É publicada a sua tradução de *Oiseaux-Mouches Ornithorynques du Brésil*, de Descourtilz. Colabora em *Mundo Ilustrado*. Nasce em Buenos Aires seu neto Pedro Augusto.

1961 Colabora no programa *Quadrante*, da Rádio Ministério da Educação. Morre seu irmão Altivo.

1962 Publica *Lição de coisas*, *Antologia poética* e *A*

bolsa & a vida. Aparecem as traduções de *L'Oiseau bleu*, de Maeterlinck, e *Les Fourberies de Scapin*, de Molière, recebendo por esta novamente o Prêmio Padre Ventura. Aposenta-se como chefe de seção da DPHAN, após 35 anos de serviço público.

- 1963 Aparece a sua tradução de *Sult (Fome)*, de Knut Hamsun. Recebe, pelo livro *Lição de coisas*, os prêmios Fernando

Chinaglia, da União Brasileira de Escritores, e Luísa Cláudio de Sousa, do PEN Clube do Brasil. Inicia o programa *Cadeira de Balanço*, na Rádio Ministério da Educação.

1964 Publicação da *Obra completa*, pela Aguilar. Início das visitas, aos sábados, à biblioteca de Plínio Doyle, evento mais tarde batizado de “Sabadoyle”.

- 1965 Publicação de *Antologia poética* (Portugal); *In the Middle of the Road* (Estados Unidos); *Poesie* (Alemanha). Com Manuel Bandeira, edita *Rio de Janeiro em prosa & verso*. Colabora em *Pulso*.
- 1966 Publicação de *Cadeira de balanço* e de *Natten och Rosen* (Suécia).
- 1967 Publica *Versiprosa*, José & outros, *Uma pedra no meio do caminho: biografia de um poema*,

Minas Gerais (Brasil, terra e alma), Mundo, vasto mundo (Buenos Aires) e Fyzika Strachu (Praga).

1968 Publica *Boitempo & A falta que ama.*

1969 Passa a colaborar no *Jornal do Brasil*. Publica *Reunião* (dez livros de poesia).

1970 Publica *Caminhos de João Brandão.*

- 1971 Publica *Seleta em prosa e verso*. Sai em Cuba a edição de *Poemas*.
- 1972 Publica *O poder ultrajovem*. Suas sete décadas de vida são celebradas em suplementos pelos maiores jornais brasileiros.
- 1973 Publica *As impurezas do branco, Menino antigo, La bolsa y la vida* (Buenos Aires) e *Réunion* (Paris).

- 1974 Recebe o Prêmio de Poesia da Associação Paulista de Críticos Literários.
- 1975 Publica *Amor, amores*. Recebe o Prêmio Nacional Walmap de Literatura. Recusa por motivo de consciência o Prêmio Brasília de Literatura, da Fundação Cultural do Distrito Federal.
- 1977 Publica *A visita, Discurso*

de primavera e *Os dias lindos*. É publicada na Bulgária uma antologia intitulada *Sentimento do mundo*.

- 1978 A Editora José Olympio publica a segunda edição (corrigida e aumentada) de *Discurso de primavera e algumas sombras*.
Publica *O marginal* Clorindo Gato e 70 *historinhas*, reunião de pequenas histórias selecionadas em seus livros de crônicas. *Amar-*

*Amargo e El poder
ultrajoven* saem na
Argentina. A PolyGram
lança dois LPs com 38
poemas lidos pelo autor.

1979 Publica *Poesia e prosa*,
revista e atualizada, pela
Editora Nova Aguilar.
Sai também seu livro
Esquecer para lembrar.

1980 Recebe os prêmios
Estácio de Sá, de
jornalismo, e Morgado
Mateus (Portugal), de
poesia. Publicação de A

*paixão medida, En Rost
at Folket* (Suécia), *The
Minus Sign* (Estados
Unidos), *Poemas*
(Holanda) e *Fleur,
téléphone et jeune fille...*
(França).

1981 Publica, em edição fora
de comércio, *Contos
plausíveis*. Com Ziraldo,
lança *O pipoqueiro da
esquina*. Sai a edição
inglesa de *The Minus
Sign*.

1982 Aniversário de oitenta

anos. A Biblioteca Nacional e a Casa de Rui Barbosa promovem exposições comemorativas. Recebe o título de doutor *honoris causa* pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Publica *A lição do amigo*. Sai no México a edição de *Poemas*.

1983 Declina do Troféu Juca Pato. Publica *Nova reunião* e o infantil *O elefante*.

1984 Publica *Boca de luar e Corpo*. Encerra sua carreira de cronista regular após 64 anos dedicados ao jornalismo.

1985 Publica *Amar se aprende amando*, *O observador no escritório*, *História de dois amores* (infantil) e *Amor, sinal estranho* (edição de arte). Lançamento comercial de *Contos plausíveis*. Publicação de *Fran Oxen Tid* (Suécia).

1986 Publica *Tempo, vida*,

poesia. Sofrendo de insuficiência cardíaca, passa catorze dias hospitalizado. Edição inglesa de *Travelling in the Family*.

- 1987 É homenageado com o samba-enredo “O reino das palavras”, pela Estação Primeira de Mangueira, que se sagra campeã do Carnaval. No dia 5 de agosto morre sua filha, Maria Julieta, vítima de câncer. Muito abalado, morre em 17 de

agosto.

Crédito das imagens

Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa/
Arquivo Museu de Literatura Brasileira.
Fundo Carlos Drummond de Andrade.
Reprodução de Ailton Alexandre da Silva

1. Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin

2. Gonzales/CPDoc JB

3. Arquivo JB

4. Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa/
Arquivo Museu de Literatura Brasileira.
Fundo Carlos Drummond de Andrade.
Reprodução de Ailton Alexandre da Silva

5. Rogerio Reis/ Tyba

6. Marcio RM

7. *O Globo*

Índice de títulos e primeiros versos

A chave
A hora do cansaço
A metafísica do corpo
A metafísica do corpo se entremostra
Anarda, sou de ti cativo
A pobreza do eu
A porta da verdade estava aberta
As coisas que amamos
As contradições do corpo
Aspiração
As sem-razões do amor
Ausência
Balanço
Canção de Itabira
Canções de alinhavo
Chove nos campos de Cachoeira
Cobras-cegas são notívagas.
Combate
Como decifrar pictogramas de há dez mil anos
Como encarar a morte
Das loucas festas na fazenda da Jaguará
Dezembro
Deus e suas criaturas
Duende
E de repente
Em dia longínquo meu irmão Altivo
Em minha calça está grudado um nome
E se Deus é canhoto
Este pintor
Eu, etiqueta
Eu te amo porque te amo.
Favelário nacional
Flor experiente
Hipótese
História natural
Homem deitado
Inscrição tumular
Lembrete
Lição

Maternidade

Mesmo a essa altura do tempo
Meu corpo não é meu corpo
Meu Deus, os mortos que andam!

Mortos que andam

Mudança

Não facilite com a palavra amor.
Não se levanta nem precisa levantar-se.
Na quietude da sala, em um dia qualquer
Nem eu posso com Deus nem pode ele comigo.
Nudez, último véu da alma

O amor e seus contratos

O ano passado

O ano passado não passou

O céu

O céu livre da fazenda

Oh se me lembro e quanto.
O instante de corola o instante de vida
Oiti: a cigarra zine:

O minuto depois

O outro

O pleno e o vazio

O que muda na mudança

Os amores e os mísseis

O seu santo nome

Ouro Preto, livre do tempo

Outras cidades se retraem

O verso não, ou sim o verso?

Passatempo

Pintor de mulher

Por muito tempo achei que a ausência é falta.

Por quê?

Por que nascemos para amar, se vamos morrer?

Quatro bem-te-vis levam nos bicos

Quem morre vai descansar na paz de Deus.

Quem sou eu para te cantar, favela

Se procurar bem, você acaba encontrando

Seu desejo não era desejo

Tanto nas juras mais vivas

Tão imperfeitas, nossas maneiras

Tarde, a vida me ensina

Uma flor matizada

Verdade

Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond
www.carlosdrummond.com.br

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Raul Loureiro / Claudia Warrak

sobre *Nu*, de Enrico Bianco, óleo sobre eucatex, 1975

PESQUISA ICONOGRÁFICA

Regina Souza Vieira

ESTABELECIMENTO DE TEXTO

Antonio Carlos Secchin

PREPARAÇÃO

Jaime Azenha

REVISÃO

Marina Nogueira

Thaís Totino Richter

ISBN 978-85-438-0318-0

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br